

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Mariluse Amancio de Rezende Pertence

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A APROPRIAÇÃO  
DOS ESPAÇOS CULTURAIS DA CIDADE DE  
BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte

2019

Mariluse Amancio de Rezende Pertence

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A APROPRIAÇÃO  
DOS ESPAÇOS CULTURAIS DA CIDADE DE  
BELO HORIZONTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Formação de Educadores para a Educação Básica/ Área de Concentração Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Cursista: Mariluse Amancio de Rezende Pertence

Orientadora: Profa. Dra. Analise de Jesus da Silva.

Belo Horizonte

2019

P468e  
TCC

Pertence, Mariluse Amancio de Rezende, 1961 -  
A educação de jovens e adultos e a apropriação dos espaços culturais da cidade de Belo Horizonte [manuscrito] / Mariluse Amancio de Rezende Pertence. - Belo Horizonte, 2019.  
42 f., il.  
Inclui bibliografia e apêndice.  
Trabalho de Conclusão de Curso -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.  
Orientadora: Analise de Jesus da Silva

1. Educação de jovens e adultos. 2. Centros culturais. 3. Pluralismo cultural.  
I. Silva, Analise de Jesus da. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. III. Título.

CDD- 374.012

**Catálogo na Fonte<sup>1</sup> : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de Referência)**

**Bibliotecário<sup>2</sup>: Ivaney Duarte CRB/6- 2409**  
(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica<sup>3</sup>.)

<sup>1</sup> Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pela autora, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade da autora, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

<sup>2</sup> Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º – "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

<sup>3</sup> Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO DÉCIMO SEXTO TRABALHO FINAL DO CURSO DE  
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “A Educação de Jovens E adultos e a apropriação dos espaços culturais da cidade de Belo Horizonte”, do(a) aluno(a) **Mariluse Amancio de Rezende Pertence**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Analise de Jesus Silva (orientador) e Gláucia Conceição Carneiro. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 98, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional ([www.repositorio.ufmg.br](http://www.repositorio.ufmg.br)). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Mariluse Amancio de Rezende Pertence  
Mariluse Amancio de Rezende Pertence

Registro na UFMG: 2018752523

Analise de Jesus Silva  
Analise de Jesus Silva  
Professor(a) Orientador(a)

Gláucia Conceição Carneiro  
Gláucia Conceição Carneiro  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva  
Luciana Gomes da Luz Silva  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de pesquisa e reflexão a todos (as) os (as) educandos (as) da Educação de Jovens e Adultos (as) (EJA), os (as) quais vivenciam ações de ensino-aprendizagem em situações de lutas e desafios. E, na contramão da vida, vê possibilidades de estarem entre os sujeitos de direito. Insistem, achegam-se, movem-se, acreditam, frequentam, sofrem, desanimam, voltam, retomam, em tempos que lhes escorreram nas trajetórias do cotidiano.

Mas, estão lá...

Sedentos, ávidos das letras, pequenas palavras, frases descobertas, do sorriso solto, da alegria do encontro e até das mazelas, dos comportamentos subversivos...

Jovens!...Jovens!...

Adultos (as)!... Adultos (as)!...

Presente!...

A essa riqueza de relação, dedico também meu afeto carinhoso e minha disposição em estar presente na vida dessas pessoas tão importantes para a minha formação acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

A gratidão é deveras uma expressão de meu agradecimento a este momento de minha vida. Entretanto, são muitas as pessoas a quem desejo agradecer, e, para não ser talvez ingrata, faço-o de modo geral, sem nominar, a todos (as) aqueles (as) que contribuíram para que este trabalho chegasse à etapa final.

À direção, à coordenação e a toda a equipe da escola, que me receberam para os meus momentos de pesquisa e reflexão.

Professores (as) da academia, colegas de sala, colegas de trabalho, educandos e educandas da EJA com os quais convivi, equipe de secretaria do LASEB, aos meninos da informática, aos porteiros da FAE, aos serviços gerais (da limpeza), ao acolhimento de quem cuida do Jardim Mandala, onde tantas vezes busquei me energizar, a tantas mãos que por mim passaram em colaborações anônimas, mas que estavam lá.

A minha orientadora, meu carinho especial, por sua força, bravura, sua trajetória, autenticidade em me orientar e apontar caminhos. Muito orgulho em estar sob os seus cuidados, afinal é sabido que quem cuida, ama. E com certeza é o que ela expressa em sua presença espirituosa.

Ao se aperceber de tamanha engrenagem, passam quase que despercebidas as pequenas ações, mas que, ao se somarem, tornam-se relevantes no contexto do propósito.

E haja sábados a agradecer!

Não esquecendo nem mesmo aqueles (as) que estão mais distantes na geografia do espaço, mas que no afeto vibram por nossas conquistas; famílias, que se abandonam de nós para nos permitir sermos nós aos sábados.

Gratidão à vida! Gratidão às pessoas! Gratidão ao conhecimento!

## **RESUMO**

Este trabalho expressa as reflexões acerca das possibilidades de como pode ocorrer a apropriação dos espaços culturais da cidade de Belo Horizonte pelos (as) jovens e adultos (as) da EJA (Educação de Jovens e Adultos), especificamente, de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte, situada na Regional Nordeste. Considera também as contribuições das práticas educativas e pedagógicas na EJA e o aprimoramento da educação para além das salas de aula pelos sujeitos educandos. Nesse sentido, oferece a essa parcela da população o conhecimento dos espaços culturais que estão na cidade de Belo Horizonte. Alguns há mais tempo; outros historicamente mais recentes, como o Circuito Cultural da Praça da Liberdade e seu acervo museológico. Nesse contexto, a leitura mais apurada do texto pode oferecer subsídios para uma reflexão mais atinente sobre os domínios e suas acepções na vida cotidiana de pertencimento a esses espaços e nas ressonâncias produzidas nas diversas formas de sociedades e governos do valor que a pluralidade cultural externa em decorrência do reconhecimento do direito de estar ou não em determinado lugar.

Palavras-chave: EJA. Espaços Culturais. Pluralidade Cultural.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
1.1 JUSTIFICATIVA.....	11
1.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR .....	13
<b>2 DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>17</b>
2.1 LEITURA DOS DADOS OBTIDOS - TURMA/CERTIFICAÇÃO EJA/MGS.....	23
2.2 LEITURA DOS DADOS OBTIDOS - TURMA DE ALFABETIZAÇÃO EJA.....	26
2.3 O PLANO EM AÇÃO, CIRCULANDO NA CIDADE.....	28
<b>3 CONCLUSÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No ano de 2010, logo após tomar posse no cargo de Professor Municipal de 1º e 2º ciclo, na Secretaria Municipal de Educação, fui convidada a participar do grupo de professores (as) que trabalhariam com o *Projeto Floração*.

Nos anos que se seguiram, até 2015, ao exercer a docência na Educação de Jovens e Adultos (as) (EJA), vivenciei alguns momentos importantes nas proposições de reorganização dessa modalidade na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Sem juízo de valor, pude participar do Projeto elaborado para os (as) jovens que, por motivos vários, não concluíram seus estudos em tempo conforme a legislação lhes assegurava.

Enfim, no decorrer deste Projeto, vinculado ao Telecurso e à Formação da Fundação Roberto Marinho com metodologias próprias, outras concepções foram-se formando.

O Projeto desliga-se da Fundação e torna-se *Programa PAE-EJA Juvenil*, com o objetivo de criar espaços diversos e específicos entre as idades juvenis e adultas, assumindo orientações e normatizações próprias da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte para essa modalidade de ensino.

Dessa forma, ao exercer a docência, ficava muito claro que, além das questões cognitivas, pedagógicas, outras práticas educativas iam sendo desenhadas. Muito me instigava a percepção de um público desacreditado por seus pares e, por muitas vezes, pela própria escola.

E na dificuldade de se externar as práticas, mais e mais, tinha-se a sensação de que, afora os muros da escola, poucas outras possibilidades culturais, educativas lhes serviriam, pois eram vistas na marginalidade das ações.

Assim, museus, espaços culturais, teatros, cinemas eram-lhes oferecidos, sem a consciência do pertencimento, não intencionalmente, eles próprios eram desacostumados às andanças da urbanidade.

Nesse sentido, há muito que se indignar. É esse o exercício a se fazer, o de ouvir, falar, rever, o que não pode estar fragmentado, já que a formação é integral, sob pena de nossa prática envelhecer considerando a ruptura de paradigmas. A intencionalidade fica aqui registrada sob o convite para se conhecer as páginas que se seguem.

Portanto, este Plano de Ação, proposto como objeto de avaliação do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens E Adultos (EJA), sob a orientação da professora Dra. Analise da Silva, constitui-se de uma reflexão sobre o tema “A apropriação dos espaços culturais da cidade de Belo Horizonte pelos (as) jovens e adultos (as) da EJA”, especificamente, de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte, situada na Regional Nordeste.

O conhecimento científico se estende a uma práxi mais legitimada, quando da oportunidade de se aplicar ao contexto espacial do trabalho com a modalidade da EJA, uma constatação acadêmica multifacetada. Com esse olhar mais efetivo e afetivo, é necessário perceber o que está além do explícito, nas entrelinhas, naquele lugar onde o olhar às vezes demora perceber, dada a rotina cotidiana que se estabelece.

Com uma condição mais abrangente, e um senso crítico, ético, levantar hipóteses acerca da realização deste trabalho para oportunizar soluções que verdadeiramente criem possibilidades de se estender aos (às) jovens da EJA ações pedagógicas, educativas, culturais, de formação integral para a escola e para a vida.

Por ser a escola um espaço de escolarização, também de vida social, de caráter educativo, de múltiplos saberes e sujeitos, é por natureza o contexto mais propício a desigualdades, quando as suas concepções definem o oposto.

Nesse cenário, regido por Leis, Resoluções, Normatizações, Portarias, enfim, por uma extensa documentação em que o registro das palavras dá o tom do poder, outras forças se valem para fortalecer práticas que se perpetuam, e muitas vezes desconsideram a importância da trajetória de vida de seus sujeitos, saberes, criando, assim, um estereótipo desses mesmos seres e conferindo-lhes poucas oportunidades além da escolaridade.

É nessa temporalidade contemporânea que se faz mister o envolvimento de todos (as) aqueles (as) que lidam com as questões da EJA, não simplesmente pensando na tarefa de educar para o desdobramento da leitura e da escrita.

Como afirma Sacristán, citado por Dayrell (2001, p.139):

O mundo real não é um contexto fixo, não é só nem principalmente o universo físico. O mundo que rodeia o desenvolvimento do aluno é

hoje, mais que nunca, uma clara construção social onde as pessoas, objetos, espaços e criações culturais, políticas ou sociais adquirem um sentido peculiar, em virtude das coordenadas sociais e históricas que determinam sua configuração. Há múltiplas realidades como há múltiplas formas de viver e dar sentido à vida.

Nesse sentido, ao educar, ao informar, ao formar, extrapolar a dimensão inibidora, permite-se que o saber que por ventura o jovem trazer seja redimensionado a outras possibilidades de formação agregado à sua formação cidadã.

Considerando que, ao longo do tempo, com a mudança na sociedade brasileira e com o avanço da tecnologia e o surgimento de novas leis que traçam os rumos da educação brasileira, tem-se percebido também a mudança na configuração das idades que vêm frequentando a Educação de Jovens e Adultos (as), um público mais maduro.

Dessa forma, em sua grande maioria, a visibilidade dada é acrescida da injustiça social, quando a frequência nos cursos da EJA se dá pelos (as) jovens negros (as), advindos de moradias periféricas, que refletem quase sempre o descompasso da desigualdade e isolados socialmente. Assim, esses (as) jovens se encontram no espaço da escolarização e muito pouco a transcendem. Na rotina cotidiana, vão se enveredando pelos conhecimentos trazidos e pelos buscados, mas, quando apresentados a espaços educativos não pertencentes ao seu chão, não os reconhecem como seus.

Paulo Freire definiu muito apropriadamente uma educação para e pela cidadania, quando em sua entrevista à TV Educativa do Rio de Janeiro, falou de sua concepção da “escola cidadã”:

Olha, a escola cidadã no meu entender é aquela que se assume enquanto centro de direitos e um centro de deveres, a formação que se dá dentro do espaço e do tempo que caracterizam a escola cidadã é uma formação para a cidadania. Quer dizer, a escola cidadã é, então, a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela (...) então a escola cidadã é uma escola coerente com a liberdade, coerente com o seu discurso formador, com o seu discurso libertador, em outras palavras, a escola cidadã é aquela que brigando para ser ela mesma, viabiliza ou luta para que os educandos e educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a escola cidadã é uma escola de comunidade (...) quer dizer, é uma escola que vive a

experiência tensa da democracia que, em outras palavras, implica a experiência tensa e contraditória, permanente entre autoridade e liberdade (FREIRE, 1997, Programa Salto para o Futuro - TV Escola MEC).

Instigar o sujeito da EJA a se apropriar do conhecimento a ser lhe oferecido, compartilhar com ele de seus saberes e acrescentar outros, uma vez que a vida fora dos muros da escola lhes oferece poucas situações de escolhas e de apropriações diversas. Sobretudo, porque as muitas possibilidades de informação cultural, atribuídas aos espaços dantes elitizados, ainda não lhes cabem no pertencimento, pois os enxergam muito distantes de sua apropriação.

Isso não quer dizer que esses espaços são melhores e, portanto, devam ser lhes oferecidos por causa disso. Eles são diferentes e podem estar vinculados ao projeto de cultura genuína de cada espaço, permitindo a opção, a livre escolha de cada um(a) para conhecê-los. Também é preciso fazer o sentido inverso. Ao conhecer uma cultura diferente, e porque não um espaço público, poder exercer a autonomia da escolha e conduzir suas famílias ou a si próprio (a) a outras descobertas.

Segundo Gadotti (2001, p. 22):

É a própria escola que deve mudar, por dentro, a partir dela mesma. Mas ela sozinha não muda, sem uma concepção de Estado e Educação. Daí a necessidade de novas diretrizes de governo. Historicamente, o Estado brasileiro tem sido monopólio das elites econômicas. A escola estatal não é necessariamente pública. Para ser pública ela precisa ser democratizada, isto é, permitir a participação da comunidade escolar, interna e externa, em todos os seus níveis de decisão e ação político-pedagógicas.

Aqui cabe a consciência crítica e a formação continuada do grupo de educadores (as) com o qual o envolvimento da EJA se dará. Talvez até na revisão das proposições do Projeto Político Pedagógico da EJA seja possível a mudança das intenções, a adaptação do currículo, valorizando essa modalidade tão necessária atualmente, dadas as suas especificidades.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Quando se pensa historicamente a escola, percebe-se o contexto escolar exposto a uma condição de poder e dominação. Só há pouco tempo, situações descentralizadoras ocorreram no interior dos espaços escolares, como a eleição de direção, que entre tantas outras eram institucionalizadas em instâncias superiores e, quando chegavam ao interior dos espaços escolares, permaneciam por tempo indeterminado em suas gestões.

A princípio, pode parecer que não há uma relação com o tema proposto, mas faz toda diferença pensar que os sujeitos que transitam no interior, como servidores (as), professores (as), podem fazer o exercício da democracia e imprimir em suas gestões a identidade do espaço escolar em que estão inseridos.

Aqui cabe ressaltar o grande valor que cada comunidade pode obter na valorização de suas ações, considerando o meio em que estão inseridos. Nesse sentido, a valorização da cultura local tomará seu espaço e poderá ser informada a toda comunidade, mas também poderão ser agregados a ela outros saberes, que vão se complementando e no diálogo vão se reconhecendo, permitindo aos sujeitos uma cultura formadora de opinião, uma possibilidade de escolher o que ver, fazer, visitar, sem o preconceito.

Muitos dos espaços culturais a que se refere este trabalho se abriram muito recentemente a uma visitação pública mais popular, visto que eram de fato elitizados. Outros foram criados recentemente, como o “Circuito de Museus da Praça da Liberdade”, espaços que, até meados de 2000, eram usados como “Secretarias de Governo”.

A “Estação Central de Belo Horizonte”, hoje MAO - Museu de Artes e Ofício, situado em espaço tão popular, e talvez tão desconhecido, se não fosse o empenho de alguns (algumas) professores (as) e escolas alinhadas às novas visões de formação educativa, ainda estaria sob o impacto do desconhecimento. E muitas das oportunidades de aprendizagens não seriam conhecidas.

Daí se justifica a importância do trabalho em permitir que todos tenham igualdade e oportunidade de acesso aos direitos universais de educação, para que ela se dê de forma ampla, para além dos muros da escola, dando aos sujeitos o empoderamento de viver socialmente o conhecimento e estabelecer no mundo relações

culturais que lhes causem bem-estar social e lhes permitam meios de encontrar condições de lazer, onde antes não se percebia.

Assim, justifica-se a responsabilidade, a ética, a boa vontade de lapidar o envolvimento de todos os sujeitos na relação de educar, porque o particular se reporta ao coletivo, e nada há que se possa fazer só, sob a condição da individualidade egoísta, que não transforma, não agrega, não transcende.

Faz-se necessário, portanto, exercer o direito de ir e vir, de perceber o outro, de escolher não escolher, mas consciente das relações de poder que por ventura se possa estabelecer.

O Plano de Ação que originou este TCC teve como objetivo geral a reflexão sobre as relações entre as práticas educativas e pedagógicas na EJA e a apropriação dos espaços culturais da cidade de Belo Horizonte pelos sujeitos educandos, especificamente, de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte, situada na Região Nordeste. Para alcançar tal objetivo, outros específicos serviram de etapas. Listo-os a seguir:

- ✓ Incentivar e possibilitar a criação de novos projetos educativos para conhecer os espaços culturais da cidade;
- ✓ Estimular o conhecimento de outras possibilidades de cultura e o convívio social.

Assim, na diversidade do contexto escolar, nas características genuínas que o envolvimento dos sujeitos se dá, levando-se em conta as experiências e as vivências de cada um (a), alunos (as), professores (as) e demais participantes do ambiente de escolarização, a interação dos processos de conhecimento se faz pelo uso da linguagem e seus afetivos. Eles podem contribuir para protagonizar atitudes e ações mais autônomas em relação ao reconhecimento de valores indispensáveis à vida cidadã.

Para Arroyo (2001, p.75):

O convívio social, a ética, a cultura, as identidades, os valores da cidade, do trabalho, da cidadania, as relações sociais de produção, os direitos, o caráter, as condutas, a integridade moral, a consciência política, os papéis sociais, os conceitos e os preconceitos, o destino humano, as relações entre os seres humanos, entre os iguais e os

diversos, o universo simbólico, a interação simbólica com os outros, nossa condição espacial e temporal, nossa memória coletiva e herança cultural, o cultivo do raciocínio, o aprender a aprender, aprender a sentir, a ser [...].

Ao considerar tais aspectos da sociedade e da formação humana que se apresentam nessa citação, torna-se relevante pensar em que condições se encontram as juventudes, os (as) adultos (as) e idosos (as) presentes como educandos (as) da EJA, no sentido de se sentirem à vontade para se apropriarem das possibilidades de cultura e convívio social dos espaços da cidade.

É preciso, sobretudo, refletir a que visibilidade estão expostos e concomitantemente oferecer aos sujeitos dessa modalidade práticas educativas mais inclusivas e de performance mais relacionais e menos segregadoras.

## **1.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR**

Caracterizar o ambiente escolar na contemporaneidade demanda um olhar político, crítico, aguçado, multicultural, ético, pois é nesse mesmo ambiente em que a materialidade das ações pedagógicas e educativas interagem, e em que a imaterialidade permeia as características que a ela se identificam

O ambiente escolar, espaço de minha observação, é uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte, situada na Regional Nordeste, que, em 2010, encerrou sua oferta de Ensino Médio, nível que durante anos, desde a década de 1980, era oferecido à comunidade local.

No ano seguinte, essa escola iniciou a EJA - Educação de Jovens e Adultos (as) no turno da manhã e trouxe para o turno da tarde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Esse processo de adequação da oferta de educação pública trouxe para a instituição momentos de conflitos no clima escolar, uma vez que, durante muitos anos, a escola funcionava somente com os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O grupo docente recém-chegado agregou ao grupo anterior uma nova visão sobre os (as) alunos (as), considerando o perfil mais infantilizado das séries iniciais.

Mas, o conflito e a ansiedade se deram, sobretudo, na chegada dos (as) alunos (as) da EJA.

Ao iniciar essa modalidade, a escola acolheu uma demanda de alunos (as) entre o 6º e o 9º ano, caracterizados por uma vivência juvenil, no sentido de ainda muito jovens já estarem em desajustes de seus pares na conclusão de sua escolaridade.

A princípio, esses sujeitos foram inseridos no mesmo turno diurno em que estudavam outros (as) jovens dos anos finais em situação de regularidade ao ano de escolarização. E muitos foram os desafios a vencer.

Os anos que se seguiram foram de aprendizado, adequação, organização. O noturno voltou a funcionar para o atendimento específico da EJA, que agregou ao seu público jovem uma demanda até então desconhecida do espaço local e que foi se achegando a de adultos (as), uma faixa etária diversa da já acolhida.

Nesse contexto, foi-se estabelecendo modos diferentes de se fazer a educação para garantir o direito daqueles que vinham, de outras maneiras, já mais maduros, vividos, do mundo do trabalho, com outras demandas: a de certificação, como alguns (algumas) jovens, e de alfabetização.

Assim, foi percebida a necessidade, a legitimidade de reconhecer o direito a aprender, a decodificar as letras, a operar os números, mas, acima de tudo, de estar entre aqueles que desejavam a escolarização e a possibilidade da socialização, a humanização de uma educação libertadora.

Desse modo, em atinência às Normatizações da Secretaria Municipal de Educação e das orientações da Gerência da EJA, iam sendo dadas nomeações diferentes para uma mesma modalidade de ensino, EJA-Juvenil, EJA, com o intuito de definir faixas etárias para as enturmações.

Nos anos subsequentes, foram-se percebendo alterações e ajustamentos, no sentido de também acompanhar a dinâmica da sociedade. Em 2018, precisamente em novembro, foram abertas as primeiras trintas turmas, que tiveram como nome EJA/MGS, na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Aquilo que as diferenciava das demais turmas que haviam iniciado o ano letivo bem anteriormente era uma situação de grande vulnerabilidade em que muitos trabalhadores das escolas municipais se encontravam. Por não terem concluído a escolarização do Ensino Fundamental, eles (as) estavam sujeitos à dispensa do trabalho, pois a admissão não seria mais efetivada pela caixa escolar das escolas e sim por um

processo de concurso, externo ao ambiente de escola, cuja conclusão dos anos iniciais e ou finais era exigência do edital e muitos deles não haviam concluído sua escolarização.

Aliado a essa necessidade em caráter de sobrevivência laborativa e ao desejo de conhecimento, muitos (as) dos (as) servidores (as) retornaram às escolas para seu processo de certificação. Tinham como características genuínas a maturidade, funções semelhantes, no sentido funcional do mundo do trabalho e traziam consigo uma rotina em escolas, de grande diversidade e pluralidade dos seres.

Ao olhar esses sujeitos, meu encantamento aflorou. Ali tínhamos porteiros, cozinheiras, serviços gerais, enfim inúmeras situações funcionais, pessoas que lidavam com a rotina do trabalho, no ambiente da escola, entretanto, sem desfrutar de sua função social, na invisibilidade de seus direitos. No espaço escolar, eles perceberam o quanto eram fortes, perseverantes, esperançosos...

Dessa percepção nasce a reflexão e a observação para além da escolarização. Situação para a qual já estavam expostos, mesmo externado o cansaço de uma rotina, quando da matrícula para frequentarem os cursos oferecidos nas escolas polos de EJA/MGS.

Por meio do diálogo foram se estabelecendo proposições intencionais para oportunizar outras práticas pedagógicas, educativas e de socializações para o bem-estar social dos (as) alunos (as) e de seu contexto familiar, já que muitos (as) já tinham suas famílias formadas e com escolarização em adequação. Já estavam inseridos (as) no mundo do trabalho, faltava-lhes a escolarização, a formalização da escolaridade.

Dessa forma, o currículo aplicado ia desvendando outras situações de ensino-aprendizagens, possibilitando-lhes práticas de leitura para além da decodificação técnica do domínio linguístico, mas oferecendo-lhes uma dimensão sociocultural para ler o mundo que os (as) cercava, pois esse mesmo mundo, lido em seu registro grafado, o era também parte do cotidiano, do ir e vir, da imaterialidade apreendida.

Segundo Paulo Freire (2007, p. 24):

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

Durante os meses de novembro e dezembro de 2018, participei novamente como professora convidada pela gestão escolar da docência de uma turma da EJA/MGS, e fui contemplada com tamanha oportunidade de percepção e atuação em um momento da experiência acadêmica, já como cursista no Curso do Laseb.

Em um espaço temporal tão reduzido, foi possível estabelecer relações afetivas e efetivas com um grupo de educandos (as) que traziam consigo uma vivência de saberes, uma diversidade cultural, étnica, de gênero, de credos, enfim, uma humanidade virtuosa.

A constatação do alinhamento entre teoria e prática foi-se configurando à medida que os dias iam-se sucedendo, até o final do ano letivo de 2018, quando também o curso entrou em férias regulamentares.

Assim, ficaram para o ano de 2019 todos os sonhos, projetos, esperanças e trabalho. Nada como um dia após o outro, mesmo quando há planejamentos futuros.

Há de se esperar....

Muitas situações viriam a se configurar.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

O desejo de pesquisa deste trabalho já estava quase que elaborado quando da possibilidade da participação do processo de seleção para o Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica (LASEB), oferecido aos profissionais da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte - MG.

Ao tomar conhecimento do Edital nº 01/2018, publicado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, no período de 25 de julho a 08 de agosto de 2018, vislumbrei a possibilidade de estar entre os (as) selecionados (as).

É preciso dizer que minha primeira opção foi a área I, Educação, Diversidade e Intersetorialidade, e a área V- Educação de Jovens e Adultos - a minha 2ª opção, não obstante ter feito minhas experiências docentes nessa modalidade nos anos entre 2011 e 2016.

Nessa trajetória temporal, entre a seleção e a chamada, estive sobre tratamento de saúde e, quando de fato o curso do LASEB se iniciou, eu estava sob cuidados

médicos, não sabendo que havia sido selecionada para o ingresso na 2ª opção, Educação de Jovens e Adultos.

Na semana seguinte ao início do curso LASEB, recebi um telefonema da secretaria comunicando-me minha aprovação e solicitando-me a confirmação de adesão. Guardei bem a voz carinhosa, a quem chamo hoje de Aninha. Ela me informou que o curso havia começado e que eu deveria estar presente na próxima aula. Todavia, só pude iniciar o curso no dia 15/09/2018, em virtude de uma alta hospitalar no dia 1º de setembro de 2018, e da necessidade de estar, sob orientação médica, de repouso.

Ao chegar à sala, apresentei-me aos professores Heli Sabino de Oliveira e Débora Mariz, responsáveis pela Disciplina 1: *Paulo Freire e Educação Popular*. Fui informada de que uma das primeiras atividades que tinha sido realizada para além dos muros da Universidade foi a visita ao Circuito da Praça da Liberdade.

Ali, de imediato, se instalou minha certeza de que era esse o caminho a seguir. Sobretudo, quando percebi que meu desejo, ainda sem ser conhecido, estava pelas mãos de um professor, na academia, sendo ofertado como prática educativa, pedagógica e de direito àqueles a quem a luta da sobrevivência se coloca como prioridade básica, e o bem-estar social passa despercebido como condição de acesso à cultura ou lazer.

O texto *Educandos da EJA ministram aula em museu de Belo Horizonte*, do professor Heli, relatava a experiência didática, pedagógica e emancipatória de um professor da EJA e foi o aporte teórico que iria subsidiar minhas primeiras curiosidades acerca do que eu gostaria de saber e constatar. Foi o início do encantamento.

Ao longo do curso, fui ajustando meu desejo ao conhecimento recebido por todos (as) os (as) professores (as) e convidados ( as) a fortalecer as aprendizagens, e expandindo as possibilidades para o desenvolvimento do Plano de Ação que descrevo e analiso neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Vi-me nas ações do professor Mohamed, citado pelo autor. Ali, eu tivera a certeza das reflexões que gostaria de propor para o desenvolvimento deste trabalho. Mas esse era de fato um momento muito inicial e que me reservaria grandes oportunidades de aprendizagens acerca do público pesquisado.

Assim, em outubro, outra importante disciplina, *Diversidade na EJA*, viria compor minha experiência acadêmica e fortalecer o desenvolvimento das reflexões em relação ao trabalho pretendido. A professora, Dra. Analise de Jesus da Silva, responsável por essa condução docente seria mais tarde minha orientadora.

A escrita ia se delineando em meu pensamento intelectual. Os estudos relacionados aos *Tópicos em abordagens históricas e socioantropológicas da abordagem escolar* desmistificavam conceitos de senso comum e ofereciam reflexões acerca das construções e dos processos históricos em relação à docência e aos espaços escolares nos diferentes períodos que definiam a sociedade. Ministrada pelo professor João Valdir, trouxe uma visão reflexiva, dialógica e fortalecida pelos teóricos apresentados na bibliografia oferecida.

E a cada nova área de conhecimento muitas contribuições iam se interagindo, contrapondo ou não, nos teóricos apresentados.

Ao receber a quase xará, a mestra Dra. Marlucy Paraíso, na disciplina *Currículo: Teorização e Política*, fui atinando para a interação das experiências, vivências, relacionamentos, afetamentos e entendendo que a junção de todas essas situações de aprendizagens me conduziria a uma ação reflexiva de minha proposta de ação. E de que todos os professores fariam sua contribuição acadêmica, conforme iam delineando sua prática docente.

Seguem-se os primeiros momentos do Plano de Ação, quando do convite feito pela professora Joselena Magalhães à professora Glaucia Carneiro, doutoranda no Programa de Pós-Graduação da FAE/UFMG, sob a orientação da professora Dra. Marlucy A. Paraíso, a apresentar-se ao grupo de alunos da EJA da Escola Municipal “Governador Carlos Lacerda” para uma exposição, onde parte de sua pesquisa sobre o Currículo da Cidade com a Arte apontaria aspectos a serem refletidos por mim.

Figura 1 – A Professora Doutoranda Glaucia Carneiro e a Professora Joselena, docente da EJA



Fonte: Acervo da autora (2019).

A imagem acima revela o encontro entre as professoras Glaucia C. Carneiro e a professora Joselena, responsável pela turma de alfabetização da EJA, junto a um de seus educandos. Esse rico momento acontecido no interior da escola Municipal “Governador Carlos Lacerda” constituiu as Rodas de Conversas que foram trazidas para o enriquecimento da prática pedagógica. E promoveram encontros educativos e temáticos de interesse dos sujeitos da EJA.

A turma convidada tinha a professora Joselena como unidocente, e era composta em grande parte por pessoas vindas de outras cidades e bem caracterizada em seu aspecto etário, em jovens e adultos (as), gênero, etnia e credo.

Em abril de 2019, a professora Gláucia apresentou no espaço da Escola Municipal Governador Carlos Lacerda vários vídeos sobre os diferentes espaços da cidade de Belo Horizonte. O grupo de educandos (as) foi dividido e, ao se autoidentificarem, denominaram-se “Nutella” (os mais jovens) e “Brigadeiros” (os mais adultos).

Divertiam-se tentando acertar em que territorialidades geográficas podiam ser identificadas tais espaços culturais da cidade de Belo Horizonte.

Figura 2 – Identificando os espaços da cidade



Fonte: Acervo da autora (2019).

Os (As) mais jovens traziam consigo a condição juvenil de se expressarem. A professora doutoranda, em seu artigo “Corpo em trânsito e desterritorializações de gênero no currículo da cidade com a arte”, apresenta situações nas quais muitas vezes

nos deparamos com os (as) educandos (as) da EJA, em que a valorização e o reconhecimento necessitam se legitimar na subjetividade das condições.

Após essa primeira possibilidade de interlocução, outras formas de desenvolvimento foram se instituindo e questionários e entrevistas subsidiaram as projeções dos desejos a serem descobertos e de que intencionalidade eles estariam expostos a dizer.

Figura 3 – Desvendando segredos com as mulheres da EJA



Fonte: Acervo da autora (2019).

A imagem retrata a presença e o carinho da educanda da EJA, da turma de alfabetização, em falar sobre si. O momento de acolhimento para a escuta sobre os temas tratados nas Rodas de Conversas e sobre os desejos de ir e vir nos espaços da cidade, até então desconhecidos.

Muitos foram os encontros, coletivos, de grupos, individuais, de modo que a escuta pudesse permear toda a ação do trabalho.

Pois, ouvi-los era sobretudo o mais importante elemento a reescrever as ações que por vontade quisesse registrar.

O Plano de Ação a ser reverenciado foi tomando corpo e encontrou na ritualização da disciplina *Pesquisa em Educação: o professor pesquisador e o contexto escolar como base de investigação*, ministrada pelo professor Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves, as metodologias variáveis a serem estipuladas para definir o campo das pesquisas e reflexões.

Figura 4 – Desvendando segredos com os homens da EJA

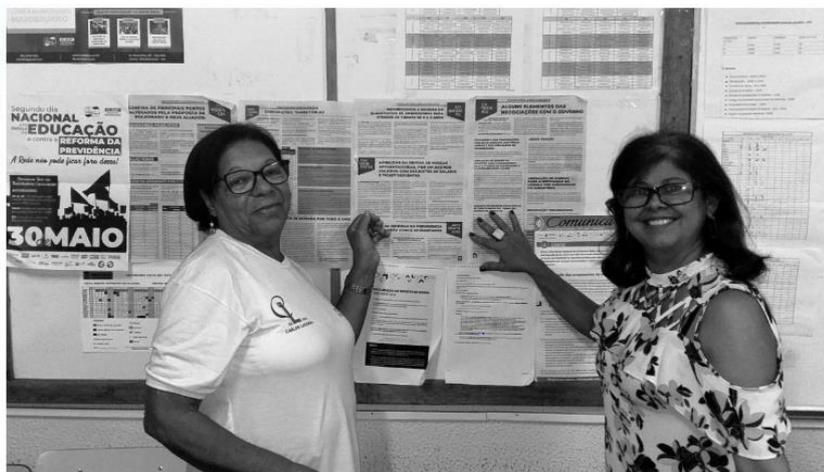


Fonte: Acervo da autora (2019).

A imagem ilustra a presença adulta masculina, acessível a momentos oportunos de conversas individuais, fora do espaço da sala de aula. Assim, podiam se expressar com segurança, emitiam opiniões e desvendavam segredos. Eram momentos de conhecimento de suas trajetórias de vida.

E, assim, outras disciplinas iam integrando o currículo do Curso de Especialização de Formação de Educadores para a Educação Básica, compondo com uma orquestra as partituras necessárias à leitura da obra final.

Figura 5 – Leitura de Mundo –Educanda da EJA/Alfabetização



Fonte: Acervo da autora (2019).

A foto apresenta a educanda da EJA em visita à sala de professores. Foi convidada a visitar esse espaço tão singular em uma escola.

Demonstrou curiosidade sobre tudo o que estava colado no Mural de Avisos. Leitura Compartilhada em momentos de aprendizagens lúdicas.

Falar sobre todos esses mestres anteriores e de suas contribuições acadêmicas é sobremaneira redundante, mas o faço com a convicção da importância de cada um (a) em minha prática de ação/reflexão/ação, e de como eles (as) subsequentemente iam compondo a construção de meu trabalho acadêmico.

Encontrar nas trajetórias compartilhadas de um educador (a) de jovens e Adultos (as) as identificações da disciplina: *Legislação e Políticas de Educação de Jovens e Adultos* foi uma forma de vivenciar a experiência docente, reveladas nas memórias publicadas pelo professor Leôncio Soares (2019), sobre um tempo em que a Educação de Jovens e Adultos (as) ainda não dispunha de uma visibilidade.

Nesse contexto vivido e exposto por ele e muitos (as) de sua geração, encontrava-se um momento político da sociedade, em que a ditadura e a opressão impunham severos limites às condições de expressão e muitas das angústias e lutas eram mediadas pela arte, na música e no teatro de protesto.

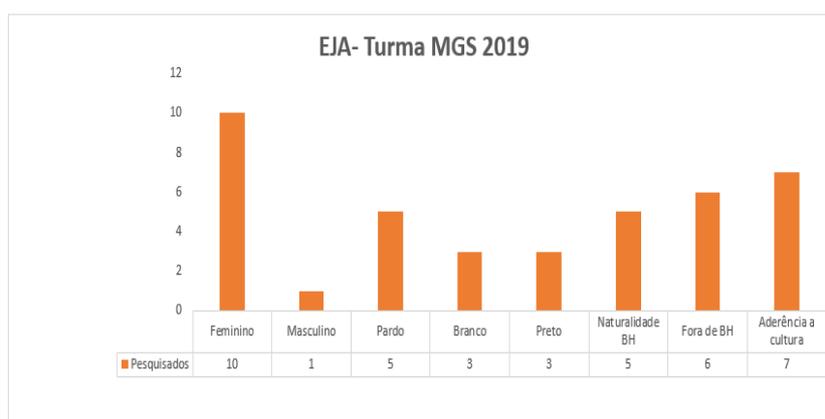
Aqui a caminhada vai tomando forma, de modo que a vida, as lutas, as conquistas foram oportunizando esse rico momento, em que sua prática docente flui como neste curso de formação de professores em especialização de EJA, a oferecer subsídios teóricos e práticos, aportes legais para os estudos emancipatórios desses (as) educandos (as) da atualidade. Nesse sentido, sua história torna-se sua prática.

## **2.1 LEITURA DOS DADOS OBTIDOS/TURMA DE CERTIFICAÇÃO/EJA-MGS**

O objetivo desta pesquisa é apresentar uma reflexão sobre a apropriação dos espaços culturais da cidade de Belo Horizonte pelos (as) jovens e adultos (as) da EJA, da Escola Municipal Governador Carlos Lacerda, localizada na região nordeste de Belo Horizonte.

Para isso, foram respondidos 11 questionários por alunos (as) da EJA-MGS, todos alfabetizados, com vistas a se desenvolverem e serem aprovados no concurso que fariam em data futura. O Gráfico 1 mostra dados dos respondentes quanto à etnia, gênero e naturalidade.

Gráfico 1 – Etnia, gênero e naturalidade



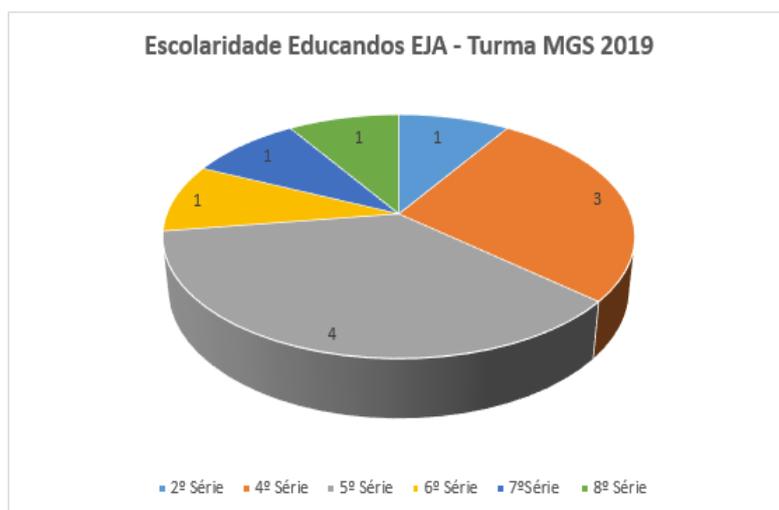
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Em relação ao gênero, foi apontado 01 educando do gênero masculino e as demais do gênero feminino. As características étnicas informadas foram 05 pardos, 03 brancos e 03 negros. Ou seja, podemos afirmar que a maioria do grupo é formada por mulheres pardas e negras, o que corrobora com os dados sobre exclusão e falta de acesso à escolarização, pois, segundo Novaes (2006), gênero e raça são recortes que afetam diretamente esse perfil populacional.. Em relação à aderência a cultura foram consideradas as respostas dos educandos em dispor o desejo de conhecerem espaços culturais da cidade de Belo Horizonte.

O Gráfico 2 a seguir apresenta a escolaridade dos respondentes, educandos da EJA/MGS, que, por conseguinte, são trabalhadores e perpassaram longo tempo de suas trajetórias de vida no mundo do trabalho e da sobrevivência, tendo sido privados de seus direitos à educação em muitos momentos de sua vida. Assim, torna-se perceptível a escolarização incompleta por esses adultos.

Quando analisado em relação à escolarização, o grupo não havia concluído os anos finais do Ensino Fundamental. Transitava entre o 5º e o 7º ano incompletos. Dos onze (11) educandos(as) que responderam ao questionário, quatro (4) dos adultos(as) pararam na 4ª série do Ensino Fundamental, três (3) já haviam feito a 5ª série, um (1) havia feito a sexta, um (1) a sétima e um (1) a oitava série do Ensino Fundamental.

Gráfico 2 – Escolaridade dos Educandos (as) EJA – Turma MGS - 2019



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Todos os dados mencionados a seguir foram colhidos como coleta de “Questionário” e não foram analisados graficamente. Entretanto foram analisados quantitativamente em relação a demanda ouvida.

Ao responderem pela condição social de moradia, sete (7) vivem em casa própria, dois (2) em casa alugada e dois (2) em casa cedida.

Outro dado muito interessante foi a constatação de que 10 (dos 11 respondentes), responderam que seus(as) filhos(as) já haviam sido alfabetizados.

Ao responderem sobre a distância entre a moradia e a escola, nove (9) se encontravam distantes em outros bairros. Apenas dois (2) eram moradores do entorno.

Quanto à origem de nascimento, cinco (5) vieram do interior de Minas Gerais, cinco (5) da cidade de Belo Horizonte, e um (1) do estado de São Paulo.

Ao serem perguntados sobre se conheciam o centro da cidade de Belo Horizonte, todos, por algum momento, já tinham passado por lá para irem ao trabalho ou para situações da vida cotidiana. Mas, não identificavam espaços culturais nessas trajetórias.

Quando questionados sobre se gostariam de conhecer espaços públicos culturais da cidade, oito (8) responderam que sim. E os três (3) restantes que isso não faria grande diferença.

Entretanto, todos os 11 pesquisados, ao serem convidados para conhecerem espaços públicos culturais, responderam prontamente que gostariam de visitar a Praça

da Liberdade, o Parque Municipal, o Zoológico, cinemas, teatros e espaços que não conheciam.

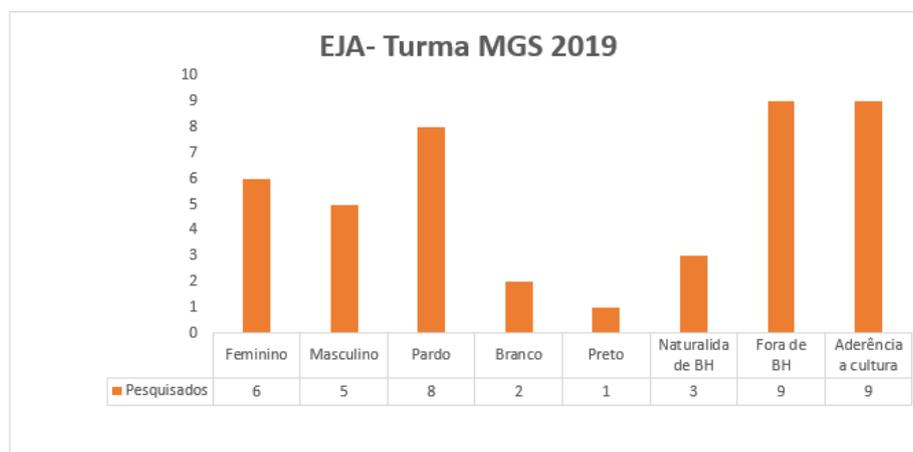
Para o fato de não irem a alguns lugares já conhecidos, as respostas mais comuns foram a falta de condição financeira e o pouco tempo que lhes sobrava para além da vida do trabalho.

## 2.2 LEITURA DOS DADOS OBTIDOS – TURMA DE ALFABETIZAÇÃO/EJA

Outros 11 questionários foram respondidos por alunos da EJA - Educação de Jovens e Adultos (as) em condição de analfabetismo. Do total de educandos (as), uma (1) tinha a idade de 70 anos; três (3) em idade juvenil, 16, 17 e 19 anos; quatro (4) entre 37 e 50 anos; e os demais entre 51 e 60 anos.

O Gráfico 3 mostra o perfil dos respondentes quanto à etnia, gênero e naturalidade.

Gráfico 3 – Etnia, gênero e naturalidade



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

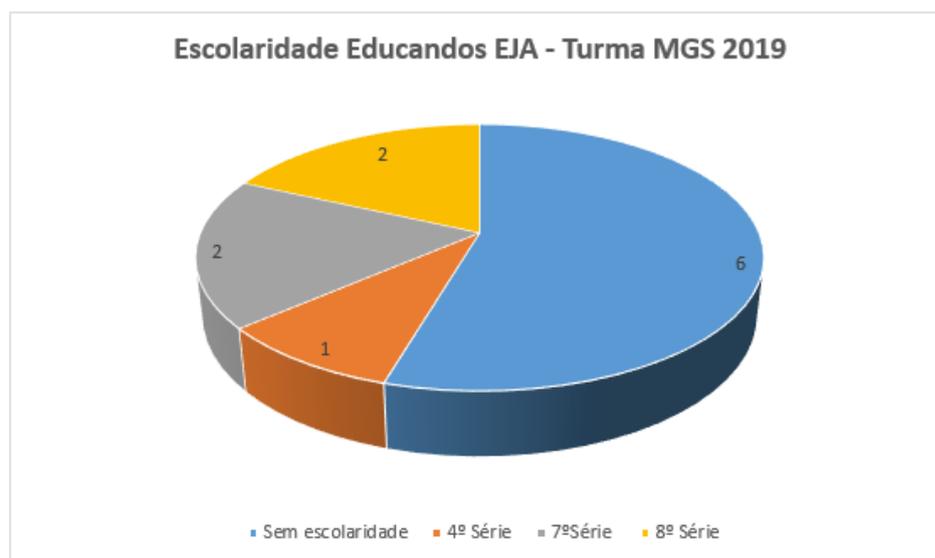
Ao considerar as questões de gênero, no grupo há cinco (5) homens e seis (6) mulheres. As características étnicas informadas foram oito (8) pardos, dois (2) brancos e um (1) negro.

Essa é, portanto, uma turma específica, diferente da anterior, que embora também trabalhadores, ainda não haviam concluído sua escolarização. Uma turma

expressiva de adultos e idosos em condição de analfabetismo., no início da leitura e da escrita.

Ao responder sobre a escolarização, o grupo não havia sequer começado os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Gráfico 4 – Escolarização Turma de Alfabetização EJA



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Uma educanda de 70 anos respondera que passara a vida da infância e juventude no mundo do trabalho, trabalhou por trinta anos em uma mesma casa realizando serviços domésticos. Embora não tenha tido o direito à educação, teve respeitado e reconhecido o direito trabalhista de sua aposentadoria. Assim, com o tempo disponível, pôde se matricular em uma escola e buscar para si o que de fato deveria ter sido garantido a ela desde a sua infância: sua escolarização.

Outro educando, mais jovem que a senhora descrita, também não estudou, pois passara sua vida em trabalho na roça e não tinha como frequentar escola naquele tempo. Hoje, aos 37 anos, também se matriculou na esperança de se alfabetizar e concluir parte de sua vida escolar.

Os outros fizeram até a quarta série do Ensino Fundamental, mas não consolidaram seu processo de alfabetização, sobretudo, os (as) mais adultos (as), que passaram a vida se preocupando em trabalhar e cuidar da sobrevivência e das condições mínimas de vida.

Ao responderem pela condição social de moradia, seis (6) vivem em casa própria, cinco (5) em casa alugada por eles (as) próprios (as) ou pelos (as) filhos (as) já adultos (as) e trabalhadores (as).

Outro dado muito interessante foi a constatação de que, dos 11 pesquisados, três (3) ainda tinham em casa pessoas em condições de analfabetismo, considerando que já eram maduros e já havia criado suas famílias. Todo o restante do grupo contava com os (as) filhos (as) alfabetizados (as) e escolarizados (as) em idade regular.

Ao responderem sobre a distância entre a moradia e a escola, três (3) se encontravam distantes, em outros bairros. Mas a grande maioria, os outros oito (8) educandos (as) que compunham o total de entrevistas do questionário aqui analisado eram residentes do entorno da escola, o que lhes facilitava a matrícula e a permanência no turno da noite.

Em relação à localidade de nascimento, somente três (3), os mais jovens, eram nascidos em Belo Horizonte. Seis (6) adultos vieram do interior de Minas Gerais e dois (2) de cidades litorâneas, Rio de Janeiro e Guarapari.

Do grupo, apenas dois (2) relataram não conhecer bem o centro da cidade de Belo Horizonte. Os (As) demais se sentiam seguros (as) em relação a transitar e conhecer o centro da cidade.

Todos (as), sem exceção, quando perguntados (as) se gostariam de conhecer alguns espaços públicos da cidade de Belo Horizonte, se prontificaram com euforia a dizer que sim.

Quando perguntados (as) se poderiam citar alguns desses espaços, demonstravam dificuldade em reconhecê-los e entendiam que os *shoppings* eram a representação de lazer e convívio cultural. Poucos disseram cinemas, teatros, museus...

Mas, ao serem perguntados (as) sobre o que os (as) impede de saírem pela cidade, muitos (as) se sentiam inseguros (as), pois não liam e estavam sozinhos (as).

Alguns (algumas) não tinham dinheiro para passagens, e outros (as) ficavam em companhia dos (as) filhos e família.

Assim, dividiam o tempo entre o trabalho e a escola e os finais de semana eram quase que aquietados pela inércia, pelo medo, pela pouca condição de letramento e de escolarização na limitação de seus mundos.

### 2.3 O PLANO EM AÇÃO, CIRCULANDO NA CIDADE...

As primeiras experiências e vivências com o grupo de educandos (as) da EJA, em visita aos espaços culturais da cidade de Belo Horizonte, aconteceram na Casa Fiat de Cultura. Esse momento foi uma conquista deste Plano de Ação quando de sua participação na seleção da SMED - Secretaria Municipal de Educação do Município de Belo Horizonte, da seleção da inscrição oferecida pelo Projeto institucionalizado pela Rede Municipal de Ensino “Circuito de Museus”.

Figura 6 – Rumo ao Primeiro Espaço Cultural



Fonte: Acervo da autora (2019).

Essa imagem apresenta in loco a primeira saída dos educandos da EJA da Escola Municipal Governador Carlos Lacerda a “Casa Fiat de Cultura”- Momento em que dentro do ônibus pode se ter as primeiras experiências com aderência a vida cultural vividas por esses sujeitos de direito.

Figura 7 – Casa Fiat de Cultura e Os Gigantes da Montanha



Fonte: Acervo da autora (2019).

Chegada à Casa Fiat de Cultura com os alunos da EJA/MGS e EJA/Alfabetização. O espaço cultural acolhia na época uma exposição sobre o grupo teatral “Os Gigantes da Montanha”

Figura 8 – Casa Fiat de Cultura-Conhecendo o espaço cultural



Fonte: Acervo da autora (2019).

“O Projeto Circuito de Museus faz parte das ações pedagógicas da Rede Municipal de Educação desde 2011. Com o objetivo de incentivar e facilitar a apropriação de espaços museológicos pelo público escolar, destina-se às crianças da Educação Infantil, aos estudantes do Ensino Fundamental, da **Educação de Jovens e Adultos (EJA)** e do Programa Escola Integrada.”

O projeto permite que estudantes das escolas municipais visitem três instituições culturais ao longo do ano, a partir de um percurso temático. A realização das três visitas busca assegurar o desenvolvimento de habilidades de articulação de ideias, apreciação estética e interpretação dos significados contidos em objetos, fotografias, documentos textuais, filmes. Nas escolas, as atividades de culminância, como feiras e mostras, possibilitam a socialização das experiências do grupo visitante para outras turmas.

Os nove circuitos atualmente disponíveis são: Arte Brasileira; Artes Visuais; Ciências e Tecnologia; Esporte, Lazer e Memória; História de Belo Horizonte; História de Mulheres; Imagem em Movimento; Pampulha; Território Negro.

<https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/circuito-de-museus>

## ANDANÇAS PELOS ESPAÇOS CULTURAIS DA CIDADE DE BELO HORIZONTE

Figura 9 – Identidade:Meu nome está aqui



Fonte: Acervo da autora (2019).

Esse foi também entre muitos, um dos momentos de grande significado. O registro opcional do nome no local de visitação do espaço cultural dantes nunca visitado,

Figura 10 – Oficinas Pedagógicas-Casa Fiat



Fonte: Acervo da autora (2019).

Momento de interação educativa e pedagógica, em “Oficinas Lúdicas”, promovidas pelas responsáveis no acolhimento a visita dos educandos da EJA. Após a visita, todos os alunos foram convidados a participarem das Oficinas realizadas no espaço cultural da Casa Fiat na elaboração de desenhos de personagens para ilustração em histórias em quadrinhos, com direcionamento de orientação.

Figura 11 – Questionamentos e Tensões



Fonte: Acervo da autora (2019).

A foto ilustra painel exposto no espaço interativo onde foram realizadas as Oficinas Pedagógicas. Serviu de tensionador para as questões abordadas nas Rodas de Conversa na escola e para percepção do pertencimento a chegada ao espaço cultural público onde não haviam ainda estado.

Nesse ambiente cultural, também foram experimentadas outras vivências. De caráter cognitivo, nas oficinas, foram apresentados questionamentos aos (às) educandos(as) sobre as interrogações citadas nas imagens apresentadas anteriormente. Rico momento de interação, de possibilidades de apropriação dos espaços culturais no acolhimento a esses sujeitos, de reconhecimento do direito à educação. O que emociona é a visível satisfação no sorriso de um aluno da turma de alfabetização quando de sua participação na socialização da responsável do Espaço Casa Fiat em nos receber.

Figura 12 – A Despedida



Fonte: Acervo da autora (2019).

A foto retrata a despedida dos momentos vividos nas experiências quando da visita ao Espaço Cultural da Casa Fiat de Cultura. A foto com a responsável pelo recebimento dos educandos da EJA.

O Plano de Ação que originou este TCC teve como objetivo geral a reflexão sobre as relações entre as práticas educativas e pedagógicas na EJA e a apropriação dos espaços culturais da cidade de Belo Horizonte pelos sujeitos educandos (as) da escola. Assim, apresentam-se aqui situações vividas em que os sujeitos educandos puderam vivenciar experiências.

Figura 13 – Museu da Imagem e do Som



Fonte: Acervo da autora (2019).

Visitando o “Museu da Imagem e do Som”...

A ilustração apresenta a chegada dos jovens da Escola Municipal Governador Carlos Lacerda ao Museu da Imagem e do Som.

Figura 14 – Os jovens e suas experiências juvenis nas andanças pela cidade...



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 15 – Educandos, Espaços, Sujeitos e Conectividade

EJA



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 17 – A Imagem & OSom



Fonte: Acervo da autora (2019).

A foto, ilustra a apresentação em que foi disponibilizado um audiovisual ao grupo de educandos e sujeitos da EJA, visitantes do Museu da Imagem e do Som, sobre a história da televisão analógica.

Figura 18 – Tecendo emoções



Fonte: Acervo da autora (2019).

Lembrança iconográfica registrada em situações de afetividade, em momentos de aprendizagens significativas, ocorridas no Museu da Imagem e do Som.

Figura 19 – Mulheres: Sujeitos da EJA



Fonte: Acervo da autora (2019).

Na Figura 19, da esquerda para a direita: eu, a Marcela (responsável pelo Museu da Imagem e do Som) e a professora Maristela, unidocente da turma da alfabetização.

O reconhecimento do direito ao pertencimento do espaço cultural da cidade de Belo Horizonte, pelos responsáveis em acolher e receber esses sujeitos promove uma ação cidadã, respeitosa, amorosa e afetiva. Sobretudo, no sentido de expor e popularmente os acessos e o conhecimento do espaço pretendido.

Marcela, nossa anfitriã perpassou por todas as etapas de acolhimento ao Museu da Imagem e do Som quando da visita feita com os sujeitos e educandos (as) da EJA . Disponibilizou tempo, conhecimento, responsabilidade social e ética, ao receber a especificidade do público atendido. As fotos, por si só, expressam a alegria do encontro.

### 3 CONCLUSÃO

A instituição escolar, cenário das ações e das observações, é, sobretudo, o espaço onde situações de real significado, como horas de trabalho vividas, permeiam seu ambiente educativo. Assim, torna-se relevante considerar que há um modelo de educação que se pretende novo, no sentido de valorizar as características étnicas, culturais, sociais, e estar em atinência quando contrariamente se perceber situações de submissão e preconceito.

O trabalho de reflexão proposto reconhece que as questões pedagógicas acerca dos espaços culturais da cidade de Belo Horizonte são reconhecidamente abordadas no “Projeto Circuito de Museus” da Rede Municipal de Educação. Tem como objetivo incentivar e facilitar a apropriação de espaços museológicos pelos (as) educandos (as) dos diferentes níveis e modalidades de ensino da Secretaria Municipal de Educação.

Entretanto, há de se considerar o envolvimento do (a) docente nas proposições dos projetos enviados à Secretaria Municipal de Educação (SMED) para participar da seleção e indicação dos espaços a serem visitados pelos (as) educandos (as) da EJA.

E também considerar de que forma a leitura dessa modalidade educativa está sendo feita.

Este trabalho, como reflexão, apontou situações do interior da Escola Municipal Governador Carlos Lacerda, em Belo Horizonte, situada na Regional Nordeste.

Assim, a escola deve propiciar oportunidades de (in) formação e de apropriação dos espaços culturais, sobretudo, porque, de modo geral, os (as) jovens, os (as) adultos (as) e os (as) idosos (as), na modalidade EJA, são trabalhadores e trabalhadoras, em situação de vida de exclusão.

Nesse sentido, faz-se necessário estar atento (a) à especificidade que essa modalidade traz em seus sujeitos, no sentido de reconhecer os seus direitos na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. *O Ofício de mestre. Imagens e autoimagens*. 3ªed. Petrópolis: Vozes. 2001.

DAYRELL, J. *A escola como espaço sociocultural*. In: DAYRELL, J. (Org.) múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, p. 136-161.

FREIRE, Paulo. Entrevista com Paulo Freire para o Programa Salto para o Futuro (TV Escola MEC) realizada em 20/04/1997 a 30/04/1997. Disponível em [www.tvebrasil.com.br](http://www.tvebrasil.com.br). Acesso em: 14 out. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GADOTTI, Moacir. "Pressupostos do Projeto Pedagógico". In: MEC, Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos. Brasília, 28/08 a 02/09/1994.

<https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/circuito-de-museus>

SOARES, Leôncio. *Trajetórias compartilhadas de um educador de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019 (Coleção Estudos em EJA)

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EDUCANDOS DA EJA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS -LASEB \_ CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.**

**Área de Concentração: EJA - Educação de Jovens e Adultos**

Prezado aluno (a) da EJA- Educação de Jovens e Adultos da ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR CARLOS LACERDA, este questionário será respondido como parte de sua colaboração para a coleta de dados para a elaboração do Plano de Ação desenvolvido pela coordenadora do 2º Ciclo, do turno da tarde, desta escola e ex-professora da Turma da EJA/MGS aberta em 05/11/2018, atualmente cursista do LASEB.

1- Qual a sua idade? \_\_\_\_\_

2- Qual seu sexo?

feminino

masculino

3- Você se autodeclara

preto

branco

amarelo

pardo

indígena

4 - Você concluiu seus estudos até que série?

5º série do Ensino Fundamental

6º série do Ensino Fundamental

7º série do Ensino Fundamental

8º série do Ensino Fundamental

Ensino Médio Incompleto

4- Quantas pessoas moram com você em sua casa? \_\_\_\_\_

5- Sua casa é

própria

alugada

emprestada

6- Das pessoas que moram em sua casa, há alguém não alfabetizado(a)?

sim

não

Quantos? \_\_\_\_\_

7- Você mora:

No mesmo bairro da escola

Próximo da escola

Longe da escola

8- Você nasceu em Belo Horizonte?  Sim  Não

Se não, em qual cidade você nasceu? \_\_\_\_\_

9- Você conhece o centro da cidade de Belo Horizonte?  Sim Não

10- Você gostaria de alguns espaços públicos culturais da cidade de Belo Horizonte?

Sim

Não

Tanto faz

11- Você pode citar quais espaços culturais conhece ou já visitou? Exemplos:  
Museus - Teatros - Cinemas - Praças...



) Outros motivos (cite) \_\_\_\_\_

18 - Faça aqui um convite para visitarmos um desses espaços, a escolher com vocês.

MAO - Museu De Arte e Ofícios / Praça da Estação

Circuito Cultural da Pampulha

Circuito Cultural Museus/ Praça da Liberdade

Palácio Das Artes

Cinemas

Teatros

19 - Outros espaços culturais de seu interesse:

---

---

20 - Você aceitaria?

Sim

Não

Aos alunos,

Saúde e paz!

Meu agradecimento pelo tempo oferecido em resposta a esse questionário. Ele servirá de apoio ao meu trabalho realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação da professora Dra. Analise da Silva.

Tomara que este Plano de Ação seja, de fato, uma contribuição para oferecer bem-estar social aos (às) alunos(as) e suas famílias, em consonância com os direitos que a todos devem ser dados, pois a educação não se faz apenas dentro dos muros da escola.

A educação abrange os processos formativos que desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LDB/96 – Art. 1º).

Meu muito obrigada também aos professores que me permitiram essa chegada ao seu espaço docente, essa presença embora intrusa, imbuída de vontade de conhecer.

Contem comigo!

Um abraço.

Mariluse Amâncio de Rezende Pertence

marilusecoordenacao@gmail.com